

Vinte anos depois: festejos e reavaliações

Pedro Garcez Ghirardi¹

Resumo: Por ocasião da celebração do 20º aniversário e do número 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a autores um artigo de retrospectiva de suas contribuições em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo o autor apresenta a “selfie” requisitada.

Palavras Chave: Cemoroc. revistas. 20º aniversário.

Abstract: To celebrate this twentieth anniversary of Cemoroc’s journals, the publisher has asked the author to write an article summarizing his studies published in these journals, especially in the latest years. In this article the author presents his Cemoroc “selfie”.

Keywords: Cemoroc. journals. 20th. anniversary.

Vinte anos depois: o título destas breves reflexões repete o da conhecida obra de Dumas, que continua a narração das façanhas dos três (ou quatro) mosqueteiros. Mas estes 250 números de revistas, no primeiro vintênio do CemOrOc, narram façanhas de bem maior número de “mosqueteiros” acadêmicos. Participando destes festejos, graças ao convite amigo do Prof. Jean Lauand, e seguindo a sugestão de traçar um retrato para este número comemorativo, venho fazer também algumas reavaliações, como anuncia o título. Neste ponto me ocorre o que dizia Machado de Assis, ao rerepresentar um antigo romance: “Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois”². Revisitando os trabalhos antigos e mesmo os recentes, vejo quanto o passar do tempo se fez sentir: se fosse possível voltar atrás, mais de uma página ficaria no tinteiro (ou no teclado do computador); outras mostrariam sinais de retoques, ou *pentimenti*, para usar a linguagem da pintura de retratos.

Tentando repassar o percurso do que vim oferecendo às nossas revistas ao longo destes anos, procuro começar, então, pelo que esteja mais próximo, pelo que possa ter sofrido menos com a distância do tempo. Aqui logo me vem à lembrança a resenha a um notável livro, edição de 2015, sobre a presença no Brasil da figura de Teresa de Jesus³. Mesmo esta resenha, publicada há poucos meses, pediria talvez retoques. Pode ser que conviesse dar maior espaço ao único reparo levantado, não ao conjunto da magnífica obra, mas a algumas de suas páginas introdutórias e históricas, por deixarem quase esquecida a primeira comunidade brasileira reunida sob o nome de Teresa de Jesus. O “quase” é mérito da menção feita no belo capítulo final, escrito pelas Carmelitas Descalças do Rio de Janeiro. Aquela comunidade precursora e quase esquecida, como lembrava a resenha, reafirmando algo bem sabido, era a reunida na São Paulo do século XVII, no Recolhimento de Santa Teresa. Deste veio o nome da tradicional Rua de Santa Teresa, muito depois endereço da Cúria Metropolitana e hoje praticamente tragada pelo canteiro de obras da expansão do metrô da capital paulista. Foi também esta resenha, se não me engano, a única que apresentei às nossas revistas:

¹ Professor titular aposentado de Literatura Italiana na USP.

² “Advertência” à nova edição de *Helena*. Em: Machado de Assis, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, vol. I, p. 272.

³ “Santa Teresa de Ávila en Brasil”. *Revista Internacional d’Humanitats*, 2016, p. 67-68.

o mais foram artigos, em geral surgidos de pesquisa no campo das Letras e em especial da tradução. Um deles, que pela data mais antiga se contrapõe à resenha, confirma o acerto da observação machadiana: hoje, se reescrito, mostraria sinais de *pentimenti*. Falo de artigo que continha a tradução de um soneto de Vittoria Colonna, a extraordinária mulher do Renascimento, cantada por Ariosto e admirada por Michelangelo⁴. Admirada ou, quem sabe, amada, pois, se dermos crédito à fantasia de nosso grande parnasiano, o genial artista haveria desejado

“Morrer e renascer, ardente, moço, belo,
E, como o meu ‘Davi’, clarão de juventude,
Aparecer, sorrindo, a Vittoria Colonna!”⁵.

Também aquele breve artigo falava de amor, mas do amor divino, que inspirou muitos versos de Vittoria. O texto se concentrava principalmente em sua lírica sacra e em sua atuação em prol da renovação da Igreja (foi esta atuação, para além de fantasias, que a aproximou de Michelangelo). Daí a escolha do soneto religioso para apresentar sua figura; daí também a tentativa de tradução que hoje talvez me levasse, passe o trocadilho, a atuar em prol de sua renovação.

Menos descontente me deixaria outro pequeno artigo, que assinala, no tempo, a metade do vintênio que celebramos. Também neste caso o texto incluía a tradução de um soneto que pode chamar-se de religioso, pois é obra em que o poeta agnóstico (que morreria suicida) se inspira na crença que deixara⁶. O trabalho recordava o centenário da morte de Giovanni Camerana, autor a que os manuais de literatura italiana costumam dar lugar modesto. Por que, então, relembra-lo no Brasil? É que a poesia traduzida assumia para mim especial proximidade, por evocar um santuário mariano próximo dos Alpes do Piemonte, lugar querido de meus antepassados paternos. Enquanto escrevo estas linhas (em julho de 2016), para lá se dirigem piemonteses e descendentes do mundo todo, em peregrinação pelo Ano Santo. Relendo o que escrevi, quero longe reunir-me a eles.

Se a prece do poeta agnóstico pode surpreender, por outros motivos surpreenderia a de Carlos Magno, a saber, o Carlos Magno poético, recriado por Ariosto. A pesquisa do *Orlando Furioso* me vem ocupando ao longo destes anos: foi assim que surgiu a ideia de discorrer sobre o episódio em que, cercado por inimigos, o imperador se dirige quase como acusador a um Deus que parece omissivo. Isto é o que se expunha em outro breve artigo, que reproduzia também trecho de minha tradução do *Orlando Furioso*.⁷ Por ser texto dos mais recentes, aqui os *pentimenti* não seriam tantos.

Estas colaborações, como se vê, trataram muitas vezes da presença do sagrado na literatura, uma das principais direções de minha pesquisa. Neste campo pode entrar ainda outro pequeno artigo, já antigo. Seu tema era o primeiro grande texto poético italiano: o *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis⁸. O trabalho se limitava a fazer comentários ao original, sem tentar tradução. Passado o tempo, faria agora a tentativa? Não sei. É verdade que sua falta pode ter ocasionado a indesejável surpresa de me ver atribuídas na internet traduções do *Cântico* que nunca fiz. Apesar disto, acreditava então, e acredito ainda, ser difícilimo transpor o texto franciscano com

⁴ “Uma voz feminina na poesia do Renascimento”. *Mirandum*, 1999, p. 91-96.

⁵ Olavo Bilac, “Miguel Ângelo Velho” (*Tarde*). *Poesias*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1985, p. 194.

⁶ “Lembrança de um Poeta: Giovanni Camerana”. *Mirandum*, 2006, p. 17-20.

⁷ “Uma prece atrevida? Notas sobre a oração de Carlos Magno no *Orlando Furioso*. *International Studies on Law and Education*, 2012, p.105-110.

⁸ “São Francisco de Assis e o ‘Cântico das Criaturas’”. *Videtur-Letras* 5, 2002, p. 15-20.

suficiente eficácia poética (sem discutir o mérito das traduções existentes e tampouco desconhecendo sua utilidade para estudos de história ou de teologia). O tempo, neste caso (possível exceção que confirma a regra) não trouxe tantas mudanças: ter deixado de traduzir a poesia de Francisco não entraria entre meus *pentimenti*. Se um dia entrar, espero sair-me um pouco melhor que as traduções que me atribuem.

Também não traduzi as poesias de Eugenio Montale, em estudo que lhe dediquei já no final desta segunda década de colaborações⁹. Não traduzi, mas citei elogiadas traduções, que guiavam o pequeno ensaio dedicado às “ocasiões”, emblemáticas da obra do poeta. Mesmo assim, hoje, se voltasse ao texto, pode ser que ampliasse os comentários, para sublinhar “ocasiões” que em tradução talvez não fiquem tão claras. Por exemplo, na famosa poesia sem título que começa com os versos “*Pregava? Sí, pregava Sant’Antonio*”, a repetição inicial (“*Pregava?... pregava*”) é fundamental, não só pela sonoridade, mas pelo contexto narrativo (insinua-se um diálogo entre o poeta descrente e o padre burocrático, que o interroga sobre a prática religiosa da finada mulher). Não sei se a retomada crucial desta repetição fica suficientemente perceptível em “*Rezava? Sim, pedia a Santo Antônio*”. Retomada crucial, pois como outras recorrências do original, sugere a evocação da mulher ausente. Haja vista, ainda, a sonoridade do “*pregava*”, inicial, retomada no final com “*prete*”. Esta palavra, por sua vez, assume conotações negativas, burocráticas, ressaltadas pela posição de rima de fecho. Daí a relevância das rimas retomadas: a central, “*Ermete*”, no verso 4, e a de fecho, “*prete*” no verso 7. A estrutura expressa, assim, a “ocasião” poética da evocação saudosa, mas isto dificilmente se adivinha na transposição “*Rezava?... pedia*” (verso 1, que omite a repetição) e “*Hermes*” (verso 4) x “*padre*” (verso 7, com total omissão da rima). Enfim, sem debater o mérito da tradução citada, pode ser que comentários mais extensos tornassem mais clara a argumentação do artigo.

Para além da tradução e da poesia, nossas revistas me levaram a aventurar-me por outros temas de pesquisa¹⁰. Entre eles, um que sempre me interessou: o estudo da recepção de obras literárias (aliás, a própria tradução, como se sabe, é um dos mais notáveis exemplos de recepção). Só me detenho um pouco em alguns trabalhos, já relativamente distantes. De um seminário sobre as culturas do Oriente e do Ocidente surgiram páginas sobre o livro de viagens de Marco Polo, tal como relido em português no século XVII¹¹. À mesma linha de pesquisa pertence outro artigo, sobre crônica do século XVII, relida, em diferentes perspectivas por dois grandes escritores, um contemporâneo do cronista, outro do século XIX¹². O mesmo foco se fez sentir em breve artigo, escrito em italiano, sobre um caso de presença em Portugal do pensamento de Petrarca¹³. Do pensamento, sublinho, pois sempre se lembra, com razão, a importância do petrarquismo poético, ao passo que pouco se fala sobre a o magistério do Petrarca pensador, sobre a recepção de seus tratados latinos, que alcançaram difusão em toda a Europa. Reescrito hoje, o artigo, talvez insistisse na necessidade de redescobrir o Petrarca filósofo¹⁴.

⁹ “Poesia e diálogo: ‘ocasiões’ que resistem”. *International Studies on Law and Education* – 15, 2013, p. 71-80.

¹⁰ “Yeats as a reader of Italian Literature: some considerations”. *Notandum*, 2002, p. 33-36; “Palavras em mutação: a busca dos Paulistas e o achado de Pedro Taques”. *Videtur*, 2004, p. 5-10.

¹¹ “O Relato de Marco Polo e a *Nova Floresta* de Bernardes”. *Notandum*, 2000, p. 9-18.

¹² “Leitores-escretores e a inesperada sobrevivência de uma crônica seiscentista”. *International Studies on Law and Education*-18, 2014, p. 69-72.

¹³ “Note sulla Fortuna dei Trattati del Petrarca in un Testo Settecentista Portoghese”. *Videtur*-22, 2003, p. 27-30.

¹⁴ Remeteria, por exemplo, ao que sobre ele escreve Kristeller (cfr. Paul Oskar Kristeller, *Eight philosophers of the Italian Renaissance* (1964), trad. em espanhol como *Ocho filósofos del Renacimiento Italiano* (Madrid e México, Fondo de Cultura Económica, 1970)

Já me referi às pesquisas que tenho feito sobre o *Orlando Furioso*, de Ariosto. Delas derivaram, além do recente artigo já citado, dois outros, bem anteriores, publicados em nossas revistas, ambos em italiano. O primeiro deles tratava de algumas repercussões da “loucura” de Orlando no grande romance de Cervantes¹⁵. O outro procurava trazer subsídios para o estudo da recepção do *Orlando Furioso* no Brasil¹⁶. Hoje talvez acrescentasse a esses breves artigos parte das reflexões que publiquei fora do âmbito do nosso CemOrOc. Sobre Ariosto e Cervantes diria ainda algo do que apresentei como homenagem ao Quarto Centenário da primeira edição de *Dom Quixote*¹⁷. Talvez acrescentasse a ambos os artigos de nossas revistas parte do ensaio “Gravuras, leituras, loucuras: visões do *Orlando Furioso*”¹⁸.

Digo que talvez acrescentasse e não sei se faria bem. Pois relendo agora as contribuições que tive a honra de oferecer às revistas do CemOrOc, vejo que, se outras qualidades lhe tiverem faltado (como decerto faltaram), ao menos uma poderia afinal talvez servir de consolo. É que todos os artigos que escrevi foram, como se notou, “breves”, “pequenos”: terão ocupado, em média, cinco ou seis páginas. Esta contribuição comemorativa não quer ser exceção: se fosse além desses limites, abusaria da paciência de quem lê e provavelmente acabaria em futuros *pentimenti*. Só me resta, então, reafirmar o agradecimento por ter sido chamado a participar de nossas revistas e a alegria de estar agora unido às comemorações deste memorável vintênio.

Recebido para publicação em 17-06-16; aceito em 15-08-16

¹⁵ “In margine a un giudizio di Cervantes:note sulle pazzia ariostesca”. *Convenit Selecta-4*, 2000, p. 13-18.

¹⁶ “Ariosto in Brasile: cenni sulla fortuna dell’*Orlando Furioso*”. *Revista Internacional d’Humanitats*, 2001, p. 57-62.

¹⁷ “*Iguales en amor con mal suceso: Dom Quixote e Orlando Furioso*”. *Revista USP*, 67 (2005), p. 304-308.

¹⁸ O ensaio serve de introdução (p.7-23) à tradução do *Orlando Furioso*, de Ariosto. Ateliê Editorial e Editora Unicamp, 2011.